

**CHEIAS E SECAS SEVERAS, EXPANSÃO EVANGÉLICA E LUZ PARA TODOS:
MUDANDO O CENÁRIO E O HABITUS NO RURAL DO AMAZONAS****SEVERE FLOODS AND DROUGHTS, EVANGELICAL EXPANSION, AND LIGHT FOR
ALL: CHANGING THE LANDSCAPE AND HABITS IN RURAL AMAZONIA****INUNDACIONES Y SEQUÍAS SEVERAS, EXPANSIÓN EVANGÉLICA Y LUZ PARA
TODOS: TRANSFORMANDO EL PAISAJE Y LOS HÁBITOS EN LA AMAZONÍA RURAL**

10.56238/revgeov17n6-007

Eleano Rodrigues da Silva

Doutorando PPGBiotec

Instituição: Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

E-mail: rodrigueseleano@yahoo.com.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1769-1517>**Robert Corrêa Rodrigues**

Especialista em Administração

Instituição: Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

E-mail: robert_rodrigues18@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8054-0469>**Jozane Lima Santiago**

Doutora em Engenharia Agrônômica

Instituição: Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

E-mail: jozane@ufam.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3385-7118>**Sonia Sena Alfaia**

Doutora em Engenharia Agrônômica

Instituição: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA)

E-mail: sonia.alfaia1@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9975-6673>**Raimundo Rodrigues da Silva Neto**

Especialista em Administração

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM)

E-mail: netorodri@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1976-5698>

Ires Paula de Andrade Miranda

Doutora PPGBiotec

Instituição: Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

E-mail: iresandrade54@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0414-2183>**RESUMO**

As mudanças nos cenários são influenciadas por fatores naturais e antrópicos e acontecem há muito tempo. Contudo, tornaram-se mais intensas após a Revolução Industrial (séc. XVIII), promovendo grande êxodo rural e depois da Globalização (séc. XX), a urbanização do meio rural. No Amazonas observou-se que com as Cheias e Secas Severas – mudanças climáticas – (CSS), a Expansão da Religião Evangélica (ERE) e a implementação do programa social Luz para Todos (LPT), ocorreram significativas transformações nos cenários das sedes e das localidades e no *habitus* dos povos tradicionais e indígenas. Assim, este trabalho visou estudar os impactos dos fenômenos e fatores supracitados sobre os aspectos socioeconômicos (antropológicos/culturais) e físicos (cenários) dos povoados rurais do Amazonas. Foi realizado por meio de visitas às comunidades tradicionais dos municípios de Careiro, Careiro da Várzea, Coari, Codajás, Iranduba, Itacoatiara, Itapiranga, Manacapuru, Presidente Figueiredo, Rio Preto da Eva, Silves e Urucurituba, nos últimos 10 anos. Dessa forma, fez-se uso de revisões de literatura e observações *in loco* recorrendo à registros fotográficos e anotações. Os resultados demonstraram que todos os fenômenos naturais ou antrópicos e as temáticas estudadas contribuíram para as alterações. Sendo as CSS e a ERE as que mais colaboraram para as alterações nas paisagens dos núcleos e dos territórios comunitários. Por sua vez, o LPT associado às melhorias da malha viária, foram os que mais favoreceram as transformações no *habitus* das pessoas, sobretudo dos mais velhos.

Palavras-chave: Mudanças Climáticas. Paisagem Rural. Comunidade Indígena. Povos Tradicionais.

ABSTRACT

Changes in the landscape are influenced by natural and anthropogenic factors and have been occurring for a long time. However, they became more intense after the Industrial Revolution (18th century), promoting a large rural exodus, and after Globalization (20th century), the urbanization of rural areas. In the Amazon, it was observed that with the Severe Floods and Droughts – climate change – (CSS), the Expansion of the Evangelical Religion (ERE), and the implementation of the Luz para Todos (LPT) social program, significant changes occurred in the landscapes of the settlements and localities and in the *habitus* of traditional and indigenous peoples. Thus, this work aimed to study the impacts of the aforementioned phenomena and factors on the socioeconomic (anthropological/cultural) and physical (landscape) aspects of rural villages in the Amazon. This study was conducted through visits to traditional communities in the municipalities of Careiro, Careiro da Várzea, Coari, Codajás, Iranduba, Itacoatiara, Itapiranga, Manacapuru, Presidente Figueiredo, Rio Preto da Eva, Silves, and Urucurituba over the past 10 years. Literature reviews and on-site observations were used, along with photographic records and notes. The results demonstrated that all natural and anthropogenic phenomena and the themes studied contributed to the changes. The CSS (Community Supported Agriculture) and ERE (Economic Regeneration) were the most significant contributors to changes in the landscapes of the community centers and territories. In turn, LPT (Long-Term Transport) combined with improvements to the road network were the most influential factors in transforming people's habits, especially those of the elderly.

Keywords: Climate Change. Rural Landscape. Indigenous Community. Traditional Peoples.



RESUMEN

Los cambios en el paisaje están influenciados por factores naturales y antropogénicos y se han producido desde hace mucho tiempo. Sin embargo, se intensificaron tras la Revolución Industrial (siglo XVIII), que propició un gran éxodo rural, y tras la Globalización (siglo XX), la urbanización de las zonas rurales. En la Amazonía, se observó que, con las Inundaciones y Sequías Severas (cambio climático), la Expansión de la Religión Evangélica (ERE) y la implementación del programa social Luz para Todos (LPT), se produjeron transformaciones significativas en los paisajes de los centros urbanos y localidades, así como en el hábitus de los pueblos tradicionales e indígenas. Por lo tanto, este trabajo tuvo como objetivo estudiar los impactos de los fenómenos y factores mencionados en los aspectos socioeconómicos (antropológicos/culturales) y físicos (paisajísticos) de las aldeas rurales en la Amazonía. Este estudio se realizó mediante visitas a comunidades tradicionales en los municipios de Careiro, Careiro da Várzea, Coari, Codajás, Iranduba, Itacoatiara, Itapiranga, Manacapuru, Presidente Figueiredo, Rio Preto da Eva, Silves y Urucurituba durante los últimos 10 años. Se utilizaron revisiones bibliográficas y observaciones in situ, junto con registros fotográficos y notas. Los resultados demostraron que todos los fenómenos naturales y antropogénicos, así como los temas estudiados, contribuyeron a los cambios. El Control Cultural y Social (CCS) y la Regeneración Ecológica y Rural (RER) fueron los factores que más contribuyeron a los cambios en los paisajes de los centros comunitarios y territorios. A su vez, el Transporte a Largo Plazo (TLP), asociado a las mejoras en la red vial, fue el factor más influyente en la transformación de los hábitos de la población, especialmente de las personas mayores.

Palabras clave: Cambio Climático. Paisaje Rural. Comunidad Indígena. Pueblos Tradicionales.



1 INTRODUÇÃO

Os diferentes cenários compõem a paisagem de um lugar, assim sendo a paisagem sofre influência de fatores naturais e antrópicos ou culturais (CONTI, 2014; BERNARDES, 2020; LEPLAN, 2026). Dessa forma, as mudanças nos ambientes rurais acontecem desde muito tempo, mas tornaram-se marcantes após a Revolução Científica do século XVII (ROQUE, 2002).

A revolução supramencionada aumentou substancialmente a dominação e expansão de territórios, povos, culturas e ciências; o consumo dos recursos naturais; promoveu o desenvolvimento social, político, tecnológico e científico (ROQUE, 2002; ROSA, 2012; KUHN, 2013; SEABRA, 2016); estabeleceu-se com a utilização de combustíveis fósseis (carvão mineral) e impulsionou a industrialização, que foi melhorada pelas pesquisas técnicas e econômicas (ABIKO et al., 1995; CARPANEZZI et al., 2017; COSMO et al., 2020).

Ademais, como consequência da Revolução Científica ocorreu a Revolução Industrial (século XVIII) que causou gigantescas mudanças no meio rural, pois a migração das pessoas do campo para os centros industrializados onde havia demanda por mão de obra para a produção industrial - êxodo rural -, provocou impactos negativos como a redução de mão de obra no campo que culminou na diminuição da produção de alimentos e no incremento do trabalho mecanizado na agricultura (ABIKO et al., 1995; CARPANEZZI et al., 2017). Essas ações contribuíram para uma série de Revoluções Agrícolas ao longo do tempo (Agricultura Moderna (século XVIII) – Agricultura 4.0 (século XXI) (MAZOYER; ROUDART, 2010; KAMIYAMA, 2011; LEMOS, 2017; MASSRUHÁ; LEITE, 2018; LISBINSKI et al., 2020; CARVALHO; PANATTA, 2021; BESSA, 2022).

Não obstante a partir dos anos 60 ocorreram mudanças socioeconômicas nos ambientes rurais pelo mundo, onde muitos moradores desses ambientes não eram produtores rurais, ou seja, suas rendas e economias não advinham da produção agropecuária (FULLER, 1990; BALSADI, 2001).

Nos anos 2000 observaram-se que os empregos rurais não agrícola mostraram-se significante no processo de desenvolvimento rural, pois na América Latina 50% dos empregos no meio rural eram não agrícolas, essas mudanças tornaram-se relevantes após a Revolução Verde e contribuíram para a rural-urbanização até o surgimento da globalização (REARDON; STAMOULIS; PINGALI, 2007).

No Amazonas têm sido notadas interessantes e preocupantes transformações ambientais e socioeconômicas que vêm mudando os cenários e o *habitus* nas comunidades tradicionais nos últimos 10 anos. As principais causas são as cheias e secas severas (CSS) intensificadas pelas Mudança Climática (MC), a Expansão da Religião Evangélica (ERE) e a implantação do programa social do Governo Federal Luz Para Todos (LPT).

Logo, faz-se necessário estudar quais são e se são positivos ou negativos os impactos que esses fatores e fenômenos têm promovido nas comunidade tradicionais do Amazonas, tanto nos aspectos socioeconômicos (antropológicos/culturais) e físicos (cenários); suas influências sobre os hábitos das



pessoas viventes na floresta e se essas transformações tem proporcionado melhoria na qualidade de vida dos povos tradicionais e indígenas. Portanto, o presente trabalho objetivou avaliar os impactos das CSS, da expansão da religião evangélica e do programa social luz para todos sobre o cenário e o *habitus* no rural do Amazonas.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os estudos foram desenvolvidos no Estado do Amazonas em um período de 10 anos mediante observações sobre as mudanças nos cenários e no *habitus* dos moradores das comunidades tradicionais inseridos nos padrões de ocupações nas interfaces rio-homem-várzea-terra firme e nas de terra firme-homem-rodovia nos municípios de Careiro, Careiro da Várzea, Coari, Codajás, Iranduba, Itacoatiara, Itapiranga, Manacapuru, Presidente Figueiredo, Rio Preto da Eva, Silves e Urucurituba, e as causas que as promoveram. Fez-se revisão de literatura para cada temática abordada e em campo usou-se cadernetas de anotações e máquinas fotográficas. As viagens foram realizadas por meio de canoas, voadeiras, barcos e veículos. Houve algumas particularidades em alguns tópicos estudados, sobre:

2.1 COMUNIDADES TRADICIONAIS

As observações e registros (fotográficos e escritos) foram realizados nas comunidades durante as inúmeras excursões nos 12 municípios visitados.

2.2 CHEIAS E SECAS SEVERAS (MUDANÇAS CLIMÁTICAS)

As observações dos impactos das grandes cheias e secas foram registrados em Coari, Itapiranga e Silves e nas margens do rio Solimões nos municípios de Coari, Codajás, Iranduba e Manacapuru.

2.3 EXPANSÃO DA RELIGIÃO EVANGÉLICA

As observações sobre as mudanças nos cenários das comunidades tradicionais foram registradas nos 12 municípios visitados.

2.4 PROGRAMA SOCIAL LUZ PARA TODOS

As anotações das informações adquiridas e os registros sobre a contribuição para as mudanças nos cenários das comunidades tradicionais foram registradas nos 12 municípios visitados.

2.5 O NOVO CENÁRIO E A MUDANÇA DO *HABITUS* NAS COMUNIDADES TRADICIONAIS

Para elucidar essas mudanças organizou-se os dados obtidos sobre cada temática abordada e analisou-se conjuntamente essas informações e discutiram-se os resultados e elaborou-se uma nova



estrutura das comunidades que permita a descrição/visualização das mudanças nos cenários e no *habitus*.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS

A história da região amazônica é afamada pela exploração e apropriação de seus recursos naturais sob as demandas estrangeiras e suas divisas. Entretanto, os povos tradicionais, máxime, os ribeirinhos, ganharam dos indígenas as técnicas sobre o manejo do meio ambiente, produção agrícola e organização social (FERNANDES; MOSER, 2021).

Os estudos sobre os povos tradicionais são vastos e, dependendo da óptica, um mesmo homem pode ser visto como ribeirinho, varjeiro, pescador, extrativista, quilombola e seringueiro, pois a definição de sua denominação depende de suas atividades e do local onde vive (LIRA; CHAVES, 2016).

Os ribeirinhos se destacam entre os povos tradicionais na Amazônia, uma vez que vivem às margens dos inúmeros rios de gigantescas extensões, situação que lhes permitem maiores e melhores vantagens para o desfrute dos recursos naturais, principalmente com as práticas de pesca, caça, extrativismo e agropecuária (sobretudo pelo uso das várzeas), bem como, facilita o acesso ao transporte que, na maioria absoluta das vezes é exclusivamente fluvial (FRAXE, 2000; FERNANDES; MOSER, 2021).

São muitas as definições/conceitos sobre os ribeirinhos, sendo o ponto comum entre as obras a descrição quanto ao local que habitam, de suas particularidades socioeconômicas e culturais e de suas altas relações com a natureza.

Então, diante de uma vasta literatura (dentre elas, ARENZ, 2000; FRAXE, 2004; FRAXE; WITKOSKI; MIGUEZ, 2009; PEREIRA; DIEGUES, 2010; RENTE NETO; FURTADO, 2015; LIRA; CHAVES, 2016; CHAVES; FURTADO, 2017; OLIVEIRA; SAUER, 2021; CAÑETE, 2023; MMA, 2024), pode-se caracterizar os ribeirinhos como sendo: grupos sociais, compostos por pessoas mestiças, advindas das miscigenias, principalmente, entre negros (quilombolas), nordestinos e índios, comumente chamados de caboclos, com formas peculiares de organizações sociais, culturais, religiosas, ancestrais e econômicas, que ao longo do tempo e, especialmente, dos ciclos econômicos, foram se espalhando e habitando às margens dos inúmeros e caudalosos rios, precipuamente, da Amazônia, mantendo uma vital, salutar e sustentável relação com o ambiente, detendo grande sabedoria sobre esse enlace, que são difundidas de geração em geração. Ademais, praticam pequenos cultivos e criações, pesca artesanal, caça e extrativismo (mineral, vegetal e animal) como suas atividades fundamentais e mantêm relações sociais, econômicas e culturais com os centros populacionais.



Majoritariamente os ribeirinhos vivem nas várzeas e muitas das vezes atuam simultaneamente como pescadores, caçadores, extrativistas e seringueiros; são formados e formam uma população miscigenada, obedecendo um padrão de ocupação nas interfaces rio-homem-várzea-terra firme (CRUZ, 2023).

A partir das margens dos rios amazônicos onde vivem os ribeirinhos, para os quais o rio é simbólico e representativo, estabelece-se a territorialidade ribeirinha. Portanto, obviamente, a vida desses atores sociais é enormemente influenciada pelo regime pluvial das águas, determinando a construção das casas, o horário e a época para as práticas da caça, pesca e extrativismo vegetal, dentre outras coisas (FERNANDES; MOSER, 2021).

Contemporaneamente, devido ter sido observada a insigne interação dos povos que vivem na Amazônia com o meio ambiente, singularmente com seus recursos naturais da fauna e flora, os estudos nessa almejada região tem considerado os povos tradicionais (formado, principalmente por ribeirinhos, varzeiros/varzeiros, pescadores, extrativistas, seringueiros e quilombolas) e originário (indígenas) (LIRA; CHAVES, 2016).

Quando os grupos sociais formados pelos povos tradicionais se agrupam em um determinado lugar, formam ali as comunidades rurais que são caracterizadas por apresentarem, quase sempre, uma organização social estruturada com **igreja, centro social, escola, casa de farinha e campo de futebol**, esses espaço coletivo formando a sede comunitária (MIGUEZ; FRAXE; WITKOSKI, 2011).

As comunidades rurais, também chamadas de comunidades ribeirinhas ou tradicionais, podem ser reconhecidas como:

“[...] um lócus territorial no qual se institui um modelo singular de gestão dos recursos naturais e de organização social, onde os indivíduos constroem sua identidade social resguardando um conjunto de saberes que são transmitidos de geração a geração, mas que se atualizam na dinâmica da história de lutas e resistência na busca pelo reconhecimento de suas identidades socioculturais” (CHAVES; RIBEIRO; MELO, 2023, p. 18).

Por conseguinte, os saberes compartilhados – etnoconhecimentos – permitem-lhes conduzir o usufruto sustentável dos recursos naturais, reduzindo os danos ambientais (ARAÚJO, 2023; MMA, 2024). À vista disso, as sedes das comunidades onde estão os mais velhos, reúne condições para serem vistas como **“Universidades dos Etnoconhecimentos sobre os ambientes amazônicos e as múltiplas formas de uso e manejo de seus recursos naturais”**.

3.2 CHEIAS E SECAS SEVERAS (MUDANÇAS CLIMÁTICAS)

As grandes cheias ocorridas no Amazonas têm causado agravos no meio ambiente (contaminação da água, erosão do solo; poluição do ar); na Saúde humana (doenças transmitidas por água, doenças vectoriais, ferimentos e traumas físicos, estresse psicológico e trauma emocional,



desnutrição e escassez de alimentos, deslocamento populacional); na vegetação (danos nas culturas agrícolas e destruição de vegetação terrestre, assoreamento de áreas verdes); na biodiversidade (perda de habitat, deslocamento de fauna, alteração nos ecossistemas aquáticos, expansão de espécies invasoras) (MICHILES et al., 2025).

Esses descalabros têm contribuído para mudar os cenários e favorecido as migrações e, por conseguinte, o *habitus* das pessoas que moram nas comunidades tradicionais e indígenas. Porém, este trabalho se concentrará nos impactos das grandes secas por uma questão de espaço limitado.

À vista disso, as secas severas ocorridas no Amazonas em 2023 e 2024, levam-nos a acreditar que são consequências da MC, uma vez que estas têm causado os extremos climáticos e estes engendram perturbações de diferentes ordens, dentre elas, grandes secas, inundações, calor extremo, insegurança hídrica e insegurança alimentar (LEVIN; BOEHM e CARTER, 2022). Para mais, promove aumento de doenças (LEVIN; BOEHM; CARTER, 2022).

Por conta disso essa categoria é a mais estudada entre as 9 categorias que formam os limites planetários. O Painel Intergovernamental Sobre Mudança do Clima (IPCC), no relatório síntese sobre as alterações do clima em 2023, aduz que ocorreram alterações globais e lépidas na atmosfera, oceano, criosfera e biosfera, esses sinais das transformações foram observadas nas situações extremas ocorridas (ciclones tropicais, ondas de calor, chuvas intensas e grandes secas) (IPCC, 2023).

Destarte as MC vêm dificultando os esforços para que se alcancem os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas (ODS - ONU), principalmente, pelo comprometimento da segurança hídrica, que contribui para a diminuição da segurança alimentar. Além disso, 3,3 a 3,6 bilhões de pessoas estão sob situação de alta vulnerabilidade aos extremos climáticos. Ressalta-se que a ação humana tem sido mais intensa, proporcionando muitos extremos climáticos e meteorológicos em todas as regiões do mundo, causando impactos adversos e generalizados e perdas e danos relacionados, à natureza e às pessoas (IPCC, 2023).

No Brasil, os danos de maiores proporções são as grandes secas e cheias. Causando grandes impactos negativos, principalmente, no maior custo de fornecimento de energia, na redução do abastecimento de alimentos, causando escassez, aumentando a demanda e, conseqüentemente, o preço, e no aumento do custo do transporte (MIATO; CATTO, 2024). Ademais, contribui na piora do quadro de saúde da população (ARTAXO, 2020).

As grandes secas dos rios da Amazônia Legal têm afetado diretamente seis dos nove estados (Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia e Roraima), dentre eles o estado do Amazonas é o mais impactado, com cerca de 557 mil pessoas afetadas com a falta de água potável, comida e transporte fluvial (G1-AM, 2023). Além disso, por possuir o segundo maior porto nacional em fluxo de contêineres de cabotagem e, devido à falta de navegabilidade dos rios, o Amazonas impacta negativa



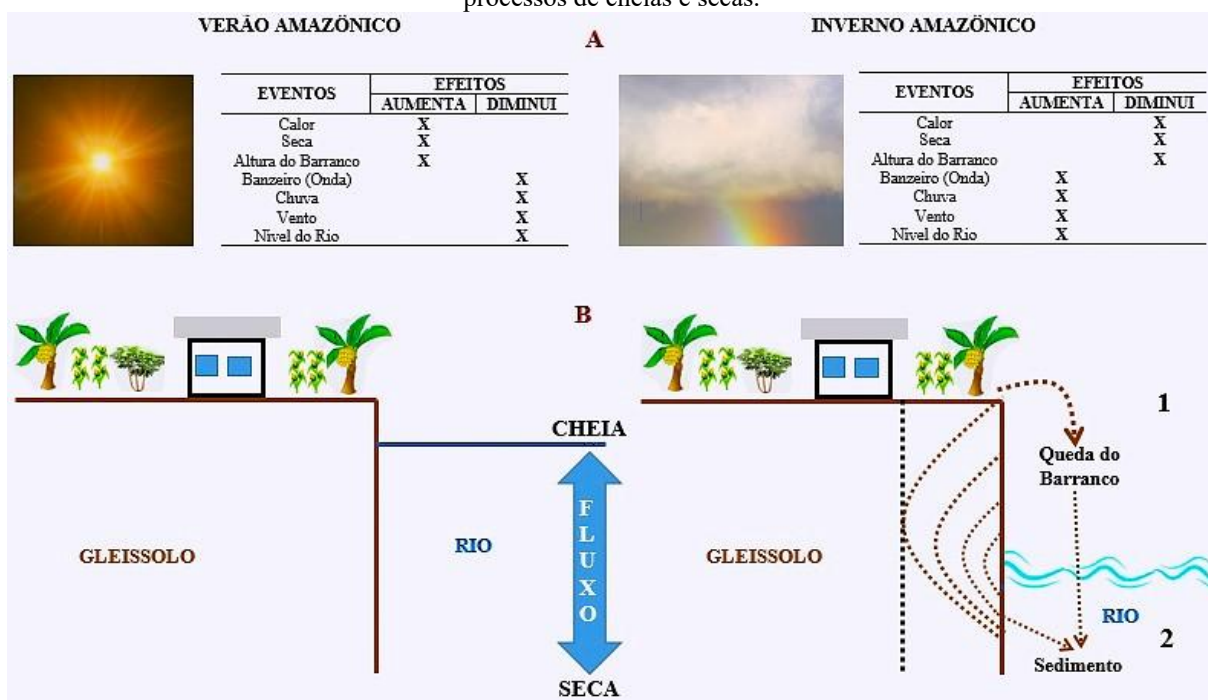
e significativamente a economia da região Norte e do Brasil, por reduzir o Produto Interno Bruto (PIB) e aumentar o desemprego (LIMA, 2023).

3.2.1 Impactos das Secas Severas no Amazonas

Os diferentes fatores astronômicos, atmosféricos e geográficos de cada região do planeta Terra promovem dissimilaridades climáticas. Dessa forma, no Amazonas é perceptível apenas duas estações no ano, verão e inverno amazônicos, ou seja, uma estação seca e outra chuvosa. Os fenômenos naturais de cheias e secas na Amazônia em grande parte das áreas de várzeas promovem o fenômeno das terras caídas (ocorrência geológica-geomorfológica natural de erosão fluvial (desbarrancamento) (DANTAS; MAIA, 2010; SILVA, 2022) (Figura 1).

A multifária e livre ocorrência das terras caídas envolve fatores naturais (neotectônicos, climáticos (vento e chuva), pressão hidráulica da água, pressão hidrostática na área de aluviação, características físicas e cobertura vegetal do solo das margens) e fatores antrópicos (desmatamento da mata ciliar e embarcações, especialmente barcos, lanchas e navios que produzem fortes banzeiros) (CARVALHO; CUNHA, 2011).

Figura 1 – Eventos e cenários nos períodos de cheia e seca no Amazonas. A - Comparativo dos eventos e seus efeitos, nos períodos de cheias e secas. B - Desenho esquemático das dinâmicas da água do rio e do solo das várzeas diante dos processos de cheias e secas.



Legenda: 1 e 2 – Fenômeno das terras caídas. 1 – Queda do barranco, causando perda de parte da área de produção, reduzindo a produção de alimentos; 2 – Acúmulo de sedimentos no leito do rio, causando assoreamento. Fonte: o autor com base nos trabalhos de Dantas e Maia (2010); Carvalho e Cunha (2011) e Marques (2017).

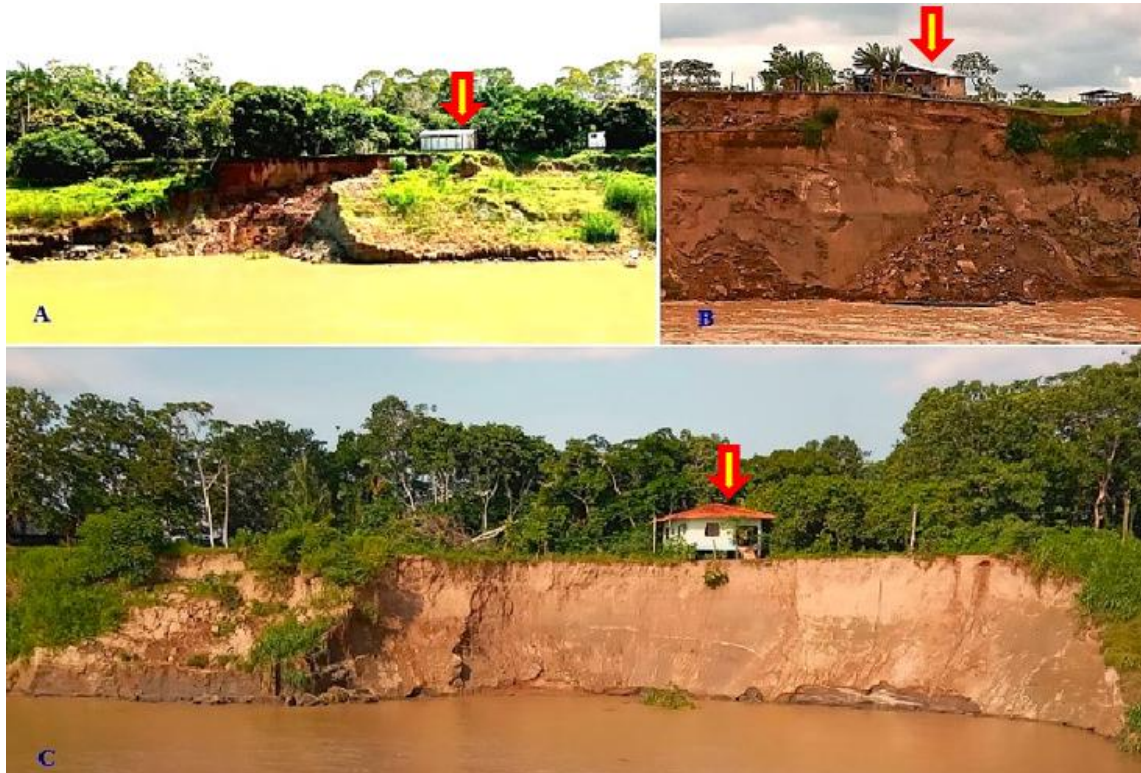
No Amazonas, as grandes secas têm causado grandes entraves socioeconômicos como falta de água potável; risco de morte por soterramento; dificuldade para realizar a higiene pessoal e os afazeres



domésticos (limpeza e alimentação); isolamento das famílias, falta de comida e recursos para a sobrevivência e subsistência dos afetados, devido principalmente, em muitos casos, à seca total dos rios e seus afluentes impossibilitando a pesca e o transporte que é praticamente todo fluvial; dificuldade para o embarque e desembarque de pessoas e mercadorias; risco à navegação devido aos baixos níveis dos rios propiciando acidentes nos bancos de areia, tocos e pedras; diminuição do terreno devido ao desbarrancamento causando a perda da área de cultivo e da moradia e migração de famílias, comunidades tradicionais e indígenas (CARVALHO; CUNHA, 2011; JESUS, 2024; SANTOS; SILVA, 2024).

As migrações têm se tornado relevantes para os ribeirinhos pertencentes ao padrão de ocupação nas interfaces rio-homem-várzea-terra firme que fugindo dos problemas causados pelas grandes enchentes e vazantes (como visto em 2023 e 2024) estão compondo o padrão de ocupação nas interfaces terra firme-homem-rodovia, situação favorecida pelo aumento e melhora da malha viária com abertura de novas estradas e ramais pelo poder público, favorecendo o acesso à saúde, educação, turismo, lazer e produção agropecuária (CRUZ, 2023; SEINFRA, 2023; CEMADEN, 2024; MCTI, 2024) (Figura 2).

Figura 2 – Ocorrência do fenômeno das terras caídas no trajeto Manaus – Coari, navegando pelo rio Solimões, o referido fenômeno se agravou após as grandes secas ocorridas em 2023 e 2024. A e B – Residências em processo de abandono; C – Residência abandonada.



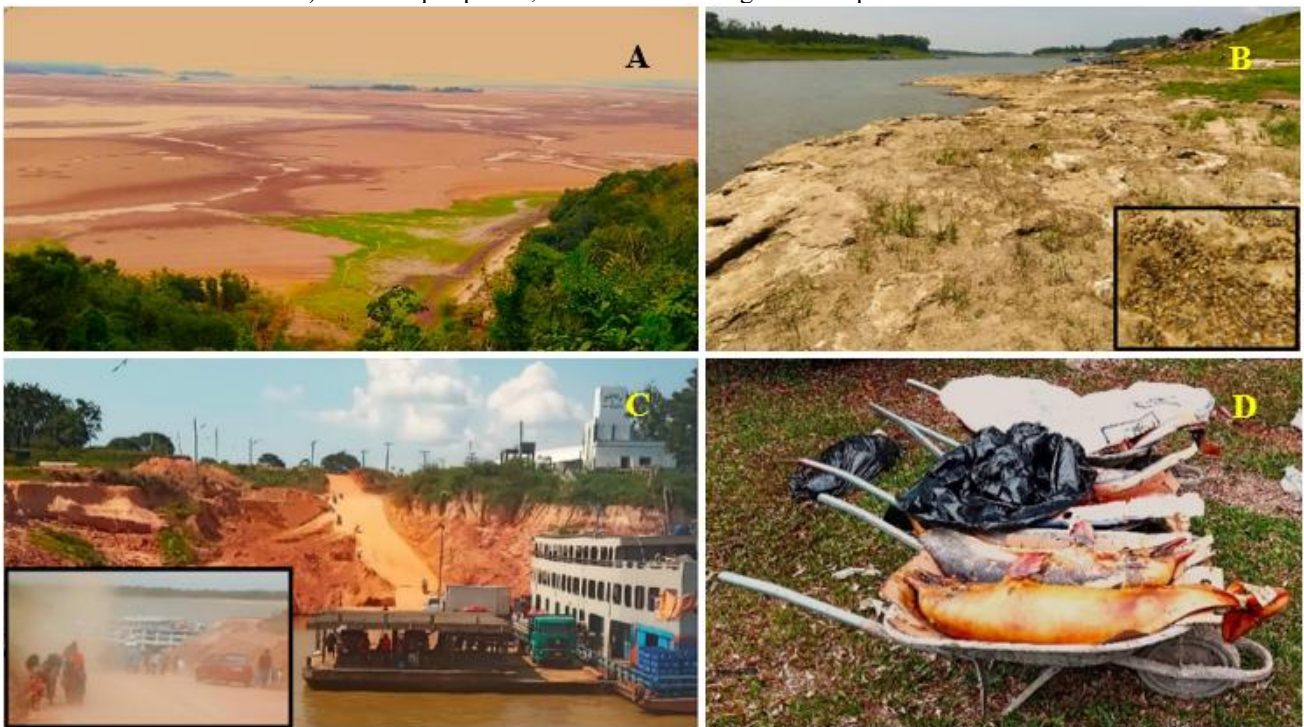
Fonte: o autor.

Os impactos negativos causados pelo desbarrancamento ocorrem por toda a Amazônia como em Tefé-AM (Médio Solimões), Itacoatiara-AM (Médio Amazonas); Parintins-AM e Santarém-PA

(Baixo Amazonas) (CARVALHO; CUNHA, 2011; MARQUES, 2017; VALE et al., 2019; SILVA et al., 2023).

Registros da última década mostram que ainda há lacunas significativas no entendimento sobre os impactos das secas severas no Amazonas, muitos desses danos não foram devidamente identificados, descritos e mensurados. Entre eles estão: a construção de portos alternativos em Coari; a grande mortandade de botos (cetáceos de água doce) em Tefé e Coari; a seca total de lagos em Silves, como o Saracá, afetando comunidades ribeirinhas, a paisagem, a pesca e o turismo; e, em Itapiranga, o afloramento de lajes de pedra no Paraná de Itapiranga, causando a morte de vasta quantidade de bivalves (conchas) (Figura 3).

Figura 3 – Cenários modificados pelas secas severas de 2023 e 2024). A – Seca total do Lago Saracá em Silves; B – Lajes de pedra em Itapiranga. Destaque: bivalves mortos; C – Porto alternativo em Coari. Destaque: transeuntes (viajantes locais e turistas) tomados por poeira; D – Botos mortos guardados para estudos na Ufam/Coari.



Fonte: o autor.

Pois, somente com muitos, minuciosos e pontuais estudos, poder-se-ia explicar ou mensurar os danos causados pela MC no Amazonas como os registrados na Figura 3: seca total do lago Saracá em Silves, quantas famílias foram afetadas? Qual o prejuízo para os pescadores e para a cadeia produtiva do turismo? Em Itapiranga, qual a consequência, atual ou futura, se continuar ocorrendo a morte de grande quantidade de bivalves (conchas de água doce que filtram a água e servem de alimentos para a ictiofauna) pelo afloramento de lajes de pedras que, além disso, colocam em risco o transporte fluvial? Em Coari, quais os custos das construes dos portos alternativos? Quais os transtornos causados pelos portos improvisados para os usuários e comerciantes? Salienta-se que o ocorrido com a Instalao Portuária Pública de Pequeno Porte (IP4) em Coari foi observado em outros

municípios como Silves e Itapiranga, e qual ou quais foram as causas da relevante quantidade de botos mortos e o que isso pode afetar no ambiente aquático? Esses são alguns dos danos observados, dessa forma evidencia-se que somente pelos cortes epistemológicos (e.g. estudos interdisciplinares e de impacto social) alcançar-se-á os subsídios técnicos necessários para reivindicações sobre os direitos sociais.

Teixeira (2024) enfatiza que é extremamente necessário conhecer as características intrínsecas de cada localidade, diagramar as áreas mais sensíveis, ouvir os atores sociais que nela habitam para que se tenha argumentação fundamentada, força e razão para pleitear políticas públicas que minimizem os problemas socioeconômicos, especialmente das comunidades mais isoladas.

3.3 EXPANSÃO DA RELIGIÃO EVANGÉLICA

A Reforma Protestante (termo histórico) ou Revolução Eclesiástica (visão evangélica) ocorreu na Alemanha no século XVI e chegou ao Brasil no mesmo século em 1555 e desde então, devido a algumas diferenças entre as doutrinas, sempre houve quem preferisse as da Igreja Católica Apostólica Romana em detrimento das Evangélica e vice-versa (MOURA, 1999; FREIRE; RIBEIRO; ZIGMANTA, 2022; SILVA, 2024).

Ademais, quando a globalização se estabeleceu no mundo (quinto final do século XX) as religiões evangélicas apropriaram-se dos meios de comunicação de massa para se fortalecerem e favorecer a criação de identidade além da nacionalidade e isso induz as pessoas a procurarem as religiões com o intuito de resolver seus problemas materiais e espirituais, que lhes conjecturem a salvação após a morte, o sucesso socioeconômico em vida e pertencimento a um grupo (SANTOS; BRAZ, 2009).

Cruz (2018) afirmou que:

“A difusão da fé evangélica no Brasil teve como motor a ascensão do movimento pentecostal. Este teve ampla adesão, sobretudo, nas parcelas menos privilegiadas da população, que se identificaram com sua mensagem e nela encontraram alento para significar suas vidas cotidianas. A abertura do pentecostalismo ao movimento Gospel estabeleceu pontes entre as igrejas históricas pré-estabelecidas marcadamente sectárias ao restante da sociedade. Sua reinserção social e popularização rompeu com certos estigmas históricos e nasceram novas práticas de evangelização e comportamento” (CRUZ, 2018, p. 16).

Por conta disso no Brasil, no censo do IBGE de 2022 observou-se a redução de 8,3% da Religião Católica, que era de 65,0% em 2010 e diminuiu para 56,7% em 2022, enquanto houve aumento em 5,2% da Religião Evangélica, que era de 21,7% em 2010 e passou para 26,9% em 2022. Entre as regiões brasileiras a região Norte tem a maior concentração de evangélicos com 36,8% (IBGE, 2022).



Todavia, Oliveira e Pinto (2017) enfatizam que na Amazônia brasileira a expansão da Religião Evangélica praticada por missionários estadunidenses, apresentava estratégias que visavam ao progresso econômico, social, político e cultural da população local, a partir dos valores norte-americanos, num processo de colonização promovendo mudanças do *habitus* amazônicos. Como pode ser visto a seguir:

“O protestantismo destaca-se em um cenário econômico e político, onde os missionários defendiam um governo que fosse soberano sobre a Amazônia, que tornasse a região dentro dos parâmetros do “sonho americano”. Desse modo, o protestantismo é a influência mais recente que a Amazônia passa a viver. Trata-se de um protestantismo da conversão, da mudança de vida, do proselitismo, da negação da própria cultura. Assim, o protestantismo reproduziu novas práticas messiânicas de evangelização e de colonização, gerando assim, uma nova dinâmica social e religiosa” (OLIVEIRA; PINTO, 2017, p. 124).

3.3.1 Expansão da Religião Evangélica no Amazonas

No Amazonas, o Censo do IBGE de 2010 mostrou que os católicos representavam 60% e os evangélicos 30,6% da população de ≥ 10 anos de idade. Em 2022, essas populações passaram para 47,4% e 39,4% respectivamente, ou seja, a Religião Católica teve uma redução de 12,6 pontos percentuais (p.p.) e a Evangélica um aumento de 8,8 p.p. (IBGE 2010, 2022).

Uma das grandes diferenças práticas entre as religiões Católica e Evangélicas está na pregação, enquanto na Católica faz-se necessário a presença de um padre (formado em teologia dentro de escolas católicas), na Evangélica precisa apenas de um líder religioso e esse, segundo Oliveira (2012) precisa apenas de carisma e essa capacidade natural de influenciar as pessoas advem de uma boa retórica, do entendimento da Bíblia Sagrada, na regência da liturgia dos cultos, dons espirituais, ser batizado nas águas e no Espírito Santo, convertido e responsável.

Dessa forma, a expansão da Doutrina Evangélica é facilitada. Ademais, fatores como a locomoção das lideranças religiosas; construções de tendas, templos e igrejas; e as residências dos líderes nas comunidades (convivendo cotidianamente com os demais moradores), impulsionam esse crescimento e consubstanciam a territorialidade nas comunidades tradicionais. As quais se apresentam como importantes territórios a serem ocupados por essas crenças como ocorreu nos rios Negro e Solimões, uma vez que a igreja católica não ocupa esses espaços (ALVES; PEREIRA; D'ANTONA, 2024).

Oliveira (2012) ao realizar estudos nas comunidades Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Assembleia de Deus, Santa Izabel e Assembleia de Deus Tradicional, em Jaiteua de Cima, localidade situada às margens do Lago Grande em Manacapuru-AM, observou que a maioria dos ribeirinhos moradores dessas comunidades eram evangélicos pertencentes a distintas igrejas do movimento Pentecostal (Assembleia de Deus, Pentecostal Unida do Brasil, Assembleia de Deus Tradicional). A autora salienta que nesse estudo evidenciou a ocorrência da dicotomia união e cisão promovida pela



crença, ou seja, a religião uniu as pessoas em uma única comunidade (católica) mas, também, as separou dando origem a mais 3 comunidades, das quais 2 são formadas por evangélicos em sua grande maioria.

De fato, na Amazônia e no Amazonas por mais que ainda predominem as comunidades com o nome de Santos da Religião Católica (e.g. São Francisco, São José, São Miguel, Santo Antônio, Santa Luzia), ou seja, que foram formadas pela grande maioria de católicos a falta de diáconos, padres e bispos para realizarem as missas, salienta-se que só a parti de padre celebração é completa, tem contribuído para a expansão da Religião Evangélica que precisa apenas de um bom líder religioso e, ou, de mídias e ações sociais para cobrir o vazio religioso.

3.4 PROGRAMA SOCIAL LUZ PARA TODOS (LPT)

O LPT do Programa de Universalização do Acesso à Energia Elétrica, investiu para a população do meio rural brasileira, 24 bilhões de reais, atendendo 3,6 milhões de famílias (17,3 milhões de pessoas). Nas regiões remotas (todos os estados da região Norte + Mato Grosso + Maranhão), foi gasto 1,9 bilhão de reais, atendendo 52,9 mil famílias (211 mil pessoas) (DIAS, 2024).

3.4.1 Pontos positivos

Para Reis Júnior (2015) o LPT é o mais arrojado programa de eletrificação rural desenvolvido no Brasil, em particular para a região Norte, permitindo grandiosamente a melhoria de qualidade de vida e bem-estar dos comunitários atendidos pelo programa. Freitas e Oliveira (2017) afirmam que O LPT é de grande importância como política pública de inclusão social.

Nas comunidades rurais: Maranhão; São Benedito; Terra Nova e Terra Preta do Limão, localizadas, respectivamente, nos municípios de Parintins; Boa Vista do Ramos; Barcelos e Barreirinha do estado do Amazonas, observou-se que a implementação do LPT trouxe benefícios como melhorias nas condições de vida e bem-estar social dos comunitários, proporcionando-lhes nomeadamente aprimoramento da educação (e.g. inclusão digital dos estudantes, realização de aulas noturnas, ensino médio, cursos profissionalizantes); obtenção de eletrodomésticos; acesso à água tratada; maior quantidade de escolas e, assim sendo, de profissionais da educação; iluminação de ambientes públicos e privados (GUIMARÃES, 2021).

3.4.2 Ponto Negativos

Reis Júnior (2015) assevera que a modernização promovida pela eletrificação em comunidades rurais no Amazonas em muitos casos têm causado alterações no *habitus* dos comunitários, principalmente no tocante ao cotidiano diário e peculiar, ou seja, foco no trabalho (extrativismo, roça, pesca e caça) e recolhimento cedo da noite (19 às 20 h) para descansar, passando para:



- Recolhimento para descansar tarde da noite;
- Aumento do consumo de bebidas alcoólicas;
- Poluição sonora pelo uso de aparelhos de som e TV;
- Jovens adolescentes tatuados e com cortes de cabelos típicos de famosos, especialmente de desportistas.

Além disso, outros problemas foram observados:

- Facilidade de acesso de pessoas externas às comunidades (comprometendo a segurança dos comunitários);
- Consumo de drogas ilícitas.

Outrossim, o LPT negligencia outros pontos relevantes, como as questões ambientais e socioeconômicas (saúde, educação e produção), situações que comprometem o bem-estar dos comunitários, além de que o programa não realiza avaliações dos resultados e dos impactos gerados e nem faz acompanhamentos dos processos (FREITAS; OLIVEIRA, 2017).

Outro problema social observado é da constante falta de energia por motivos diversos, especialmente pela queda de árvores sobre a rede elétrica nos ramais, sobretudo, nos períodos chuvosos (REIS JÚNIOR, 2015).

Estudando as comunidades rurais no Amazonas: Maranhão; São Benedito; Terra Nova e Terra Preta do Limão, localizadas, respectivamente, nos municípios de Parintins; Boa Vista do Ramos; Barcelos e Barreirinha, identificou que o LPT, por si só, não elimina as desigualdades e outros problemas de cunho social, pois, observa-se que há comunidades, nas quais prevalece a visão mercantilista no serviço de fornecimento de energia elétrica (com estímulo ao consumo e, sobretudo, ao lucro). Além disso, o LPT não garante à manutenção da cultura local; geração de renda por meio de programas sociais e que aproveitem a biodiversidade local; uso de energia de fontes renováveis de forma sustentável, como as Mini-usinas fotovoltaicas com minirredes de distribuição (GUIMARÃES, 2021).

Portanto, o LPT deveria exortar a defesa do meio ambiente; a territorialização; os exercícios socioculturais dos povos tradicionais da Amazônia, máxime os ribeirinhos; ser mais inclusiva, equitativa e sustentável, garantindo-lhes, portanto, o direito à cidadania (GUIMARÃES, 2021).

Embora o LTP tenha pontos positivos e negativos destacados nas literaturas consultadas, torna-se relevante investigar a implantação de projetos que visem o congelamento de polpa de frutas e materiais orgânicos (e.g. carnes, peixes e laticínios), visto que isso representa uma alternativa viável de renda para povos tradicionais e indígenas.



3.5 NOVOS CENÁRIOS E A MUDANÇA DO *HABITUS* NAS COMUNIDADES TRADICIONAIS

Para que seja possível compreender as mudanças nos cenários das comunidades e no *habitus* dos povos tradicionais do Amazonas é preciso analisar os *modus vivendi*, *faciendi* e *operandi* dessas populações. Leal et al. (2025) concluíram que:

“(...) os modos de vida dos povos e comunidades tradicionais amazônicos constituem uma engenharia social e ecológica sofisticada, capaz de produzir resiliência, bem-estar e conservação quando apoiada por direitos territoriais efetivos, instituições comunitárias robustas e arranjos de governança policêntrica.” (LEAL et al., 2025, p. 54).

Isto posto, esclarece-se que o *modus vivendi* remete-se ao âmbito socioeconômico (e.g. vida cotidiana, mercado), ao direito e à diplomacia (sobretudo às regras de convivência) e os *modus faciendi* e *operandi* referem-se às práticas de subsistência desenvolvidas pelos comunitários (e.g. extrativismo sustentável, agricultura itinerante de várzea e terra firme, pesca e caça artesanais, organização social e territorial, conhecimento ancestral (etnoconhecimento)) e a mobilidade (predominantemente fluvial e sazonal). Esses *modus* diferem entre si pelo fato de que o *faciendi* refere-se ao jeito próprio de executar uma ação (procedimento, técnica) enquanto o *operandi* ocupa-se dos padrões e formas comportamentais e de trabalhar (frequente, metódico e operativo) (CAÑETE; RAVENA-CAÑETE, 2010; SETTON, 2002; CAÑETE, 2023; ARAÚJO; SOUSA, 2022; ARAÚJO; SOUSA, 2023; LEAL et al., 2025; ISPN, 2026).

A interação e integração dos *modus* supramencionados geram o *habitus* de uma população, ou seja, formam sua cultura que, por sua vez, é produzida pelo modo de vida, pelo que se faz e de como se faz, com força para opor-se às mudanças repentinas, remanescendo e se replicando. Todavia salienta-se que o *habitus* esteja sempre em construção devido às incessantes mudanças sociais, ambientais e econômicas (SETTON, 2002; ARAÚJO; OLIVEIRA, 2014; SETTEN, 2020; ARAÚJO; SOUSA, 2023).

Dessa forma os ambientes vão se transformando, como visto por Araújo e Sousa (2023) ao estudarem a comunidade TerraNostraZF5-DAS – Manaus/AM:

“(...) construída principalmente com indivíduos oriundos da hinterlândia amazônica, conduz na memória biocultural os saberes e experiências da ancestralidade dos povos amazônicos reconstruindo a paisagem em espaço de vivência e convivência com a biodiversidade da Amazônia, constituindo-se, portanto no Modus vivendi associado ao Modus operandi e Modus faciendi” (ARAÚJO; SOUSA, 2023, P. 89).

Assim como o *habitus*, a paisagem também se modifica com o tempo, mudando consequentemente os cenários amazônicos como visto por Araújo (2019):

“(...) as paisagens da hinterlândia Amazônica se configuram como partes de um conjunto complexo, reconhecido pelas interações do homem com a natureza, dando formas ao espaço



geográfico. Nestes termos, a mudança na paisagem amazônica nos últimos séculos, ocorreu através de eventos históricos, socioeconômicos e geográficos que começou nos idos anos de sua colonização, através da troca de saberes e cultura entre colonizado e colonizador” (ARAÚJO, 2019, P. 91).

Os processos de mudanças nos cenários e no *habitus* das comunidades tradicionais e indígenas têm ocorrido por efeito de fatores como a expansão agropecuária (desmatamento) e suas causas indiretas (impactos socioeconômicos), como visto em Canutama, Lábrea, Humaitá, Manicoré e Apuí (LIMA; MAY, 2005; CARRERO et al., 2020).

Além disso, as transformações foram aceleradas nos últimos anos devido às MC, à expansão da religião evangélica e à implementação do Luz para Todos. Esses fenômenos, de ordem natural e antrópica, têm causado modificações significativas na Amazônia, sobretudo no Amazonas: as secas e cheias severas nas várzeas têm promovido o êxodo, enquanto o acesso à energia elétrica tem permitido o uso de tecnologias e as construções de prédios religiosos têm alterado as paisagens. Esses eventos vêm promovendo alomorfias culturais e alterando a paisagem e a dinâmica social dos comunitários.

Os registros fotográficos realizados durante as visitas mostram as diferenças entre as organizações sociais das sedes comunitárias dantes estruturadas com igreja, centro social, escola, casa de farinha e campo de futebol (MIGUEZ; FRAXE; WITKOSKI, 2011) com as da atualidade. Atualmente, tem sido visto na maioria das comunidades visitadas grandes mudanças nos direitos sociais fundamentais, especialmente na religião (liberdade de crença), educação e saúde. Essas transformações criam novos cenários, com destaque para a saída das casas de farinhas (que passaram a ser construídas mais próximas da unidades de produção, principalmente de mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) e guaraná (*Paullinia cupana* Kunth)) (Figura 4) e das Igrejas que com a expansão da Religião Evangélica passaram a ter mais de uma nas sedes comunitárias (Figura 5).

Salienta-se que a expansão da Religião Evangélica tem promovido alterações tanto nos cenários das sedes comunitárias existentes quanto na localidade onde elas estão inseridas, contribuindo para que novos povoados sejam formados por motivos de afinidades religiosas como comprovado por Oliveira (2012).

Ademais, dependendo do tamanho populacional, da liderança/representatividade e influência política, é comum encontrar nas sedes comunitárias um pequeno local para atendimento médico, no qual periodicamente equipes médicas se fazem presentes, e na falta destes profissionais, atuam os Agentes Comunitários de Saúde (ACS). Salienta-se que em praticamente todas as comunidade há ACS, mas não, necessariamente, um ponto para atendimento.



Figura 4 – Casas de farinha melhor, casas de forno em propriedades rurais de Coari – AM. A – Casa de forno; B – Processamento da raiz de mandioca para produção de farinha tipo mista; C – Torrefação de guaraná; D – Guaraná nas etapas de fermentação, despolpamento e secagem.



Observação: o termo casa de forno mostra-se mais apropriado pois, nela são desenvolvidos vários subprodutos da mandioca (e.g. produção de farinhas, bijus, tapioca), o beneficiamento do guaraná, a torrefação de sementes de açaí (*Euterpe precatoria* Mart.) (produção de “café” de açaí) e de café conilon (*Coffea canephora* Pierre ex A.Froehner), produção de piracuí (farinha de peixe produzida artesanalmente) dentre tantas outras atividades. Fonte: o autor.

Figura 5 – Igrejas na comunidade Terra Preta do Limão em Urucurituba – AM. A – Igreja católica de Nossa Senhora de Nazaré; B – Igreja evangélica Batista Kerygma.

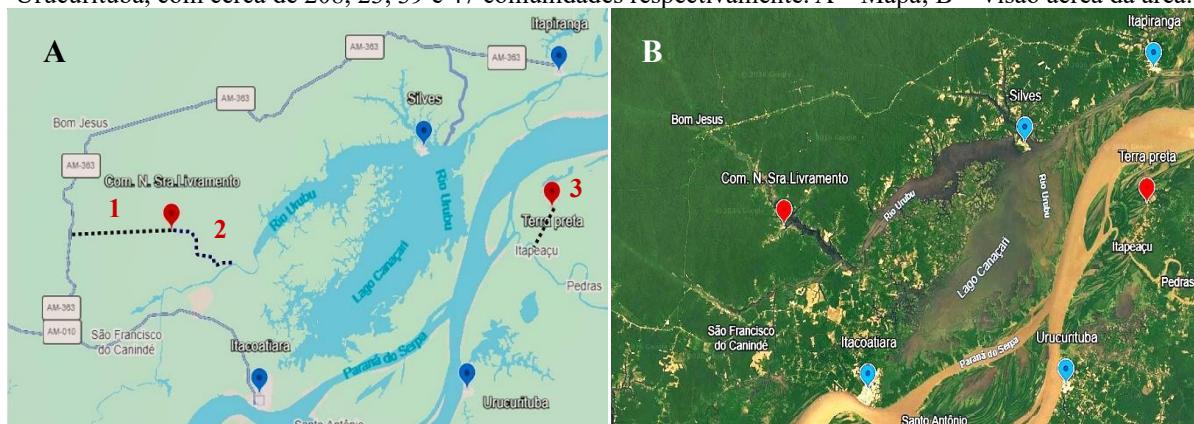


Fonte: Georgina Rodrigues da Silva.

Entretanto, observou-se durante as inúmeras atividades no interior do Amazonas que quando a comunidade é relevante politicamente e tem força (consegue lutar por melhorias comuns com união, organização e articulação) obtêm êxitos que fazem com que haja avanços na infraestrutura social, permitindo aos comunitários melhoria na qualidade de vida. Como visto em muitas comunidades como na Nossa Senhora do Livramento (NSL) em Silves – AM e Terra Preta do Limão (TPL) em Urucurituba – AM (Figura 6).

As supramencionadas comunidades apresentam infraestruturas que alteraram as paisagens e mudaram também o *habitus* dos moradores com pontos positivos e negativos. Nesses povoados geralmente há mais de uma forma de transitar (por estradas e rios), pequenos comerciantes de produtos essenciais e de alta demanda, acesso à energia, à internet, a escolas (que funcionam nos turnos matutino, vespertino e noturno, contribuindo para o ensino de adultos). Além disso, como particularidades a NSL apresenta Unidade Básica de Saúde (UBS), ginásio poliesportivo e oficina de artesanato (Figura 7), enquanto a TPL aduz a escadaria portuária de alvenaria, vias pavimentadas, centro e cantina comunitária, ponte de madeira sobre terreno de várzea e UBS em processo de construção (Figura 8).

Figura 6 – Imagens de uma das grandes áreas visitadas, povoados pertencentes a Itacoatiara, Itapiranga, Silves e Urucurituba, com cerca de 208, 23, 39 e 47 comunidades respectivamente. A – Mapa; B – Visão aérea da área.



Legenda: A: 1 – Ramal não pavimentado ligando à comunidade a estrada AM 363; 2 – Acesso pelo rio; 3 – Ramal pavimentado ligando a comunidade ao distrito de Itapeçu. Localizador azul = Municípios; Localizador vermelho = Comunidades. Fonte: Google Earth.

A NSL é altamente representativa da população rural amazonense pois nela habitam povos tradicionais e indígenas, se destaca pelo trabalho com o tucumanzeiro (*Astrocaryum aculeatum* G.Mey. - Arecaceae) na comercialização do fruto (tucumã) e uso do estipe e folhas para produção de artesanato, como uma das principais atividades econômicas.

É plausível a observação da forte dinâmica que tem transformado as comunidades pequenas em médias > grandes > Distritos/Vilas (DV) (como Novo Remanso e Lindóia em Itacoatiara e Itapeçu em Urucurituba). Destacam-se os DV de Balbina (remanescente da construção da HE de Balbina) em Presidente Figueiredo e Augusto Montenegro (Urucurituba-Velho), estabelecida após mudança de sede do município de Urucurituba. Antes da LC nº 230/2026, 45 DV pretendiam se tornar municípios no estado do Amazonas (SANTOS, 2026).

Figura 7 – Infraestruturas de grande importância socioeconômica para a NSL. A – Ramal não pavimentado ligando-a a BR 363 e dela com a AM 010 (conectando-a a Itacoatiara, a maior cidade da microrregião); B – Acesso ao rio para pesca, passeio/turismo e transporte; C – Ginásio poliesportivo; D – Complexo social com escola, UBS, centro social; E – Unidade de produção de artesanato.



Fonte: o autor (A-D) e AS (E).

Figura 8 – Infraestruturas de grande importância socioeconômica para a comunidade TPL. A – Escadaria portuária de alvenaria (facilitando o uso do rio para pesca, passeio/turismo e transporte); B – Via pavimentada que conecta a TPL ao DV de Itapeaçu; C – Cantina comunitária; D – Centro social; E – Placa de responsabilidade técnica da obra de UBS; F – Longa ponte de madeira sobre solo de várzea (permitindo o acesso de moradores das proximidades a sede comunitária).



Fonte: Georgina Rodrigues da Silva (A – E); O autor (F).

4 CONCLUSÃO

Na última década foram observadas inúmeras mudanças nos cenários das sedes das comunidades tradicionais. Nesse processo de evolução as localizações dos povoados foram um dos fatores preponderantes para que se solidificassem e crescessem ou deslocassem forçadamente, pois os extremos climáticos ocorridos no Amazonas, possivelmente agravados pelas mudanças climáticas, promoveram intensas movimentações de famílias e, em muitos casos, de populações, sobretudo no ecossistema de várzea.



A implementação do Luz para Todos, aberturas de ramais, a pavimentação dos existentes e das ruas das sedes comunitárias contribuem para as migrações das famílias de povoados mais básicos para os mais desenvolvidos, visando melhoria na qualidade de vida. Ademais, os avanços nas infraestruturas viárias das comunidades fomentam o deslocamento de povos tradicionais e indígenas que vivem nas conexões rio-homem-várzea-terra firme. Porém, quando o coletivo que vive na interface terra firme-homem-rodovia não é suprido por um sistema permanente de abastecimento de água potável, ou seja, sofre o desabastecimento durante as secas severas, os moradores das terras firmes sofrem tanto quanto os das várzeas.

As urbanizações do rural realizadas pelas infraestruturas desenvolvidas nas comunidades tradicionais, principalmente nas grandes comunidades e nos Distritos/Vilas, alteram a paisagem tanto pelos prédios em si (com diferentes materiais de construção, além da madeira, palha, telha e prego) quanto pelas fachadas e pinturas. Ainda, a partir das comunidades medianas já é possível observar algumas mudanças como o desaparecimento da casa de forno, chegada das igrejas evangélicas e dos pequenos comércios oferecendo, dentre outras coisas, bebidas alcoólicas e cigarros estimulando transformações nos modos de vida tradicionais e introduzindo novos hábitos de consumo.

A expansão da Religião Evangélica no Amazonas tem contribuído significativamente para alterar a paisagem tanto na sede quanto no território comunitário. O tamanho do povoado determina a forma da mudança: nos grandes e distritos/vilas a transformação é marcada pela construção de tendas, barracas ou igrejas, enquanto que nas pequenas e médias, dependendo da falta de harmonia no convívio entre as pessoas pelas diferentes crenças no ambiente coletivo, pode ocorrer além de novas estruturas, o deslocamento de grupos afins para outras áreas da localidade, criando novas comunidades.

Quanto ao *habitus* dos povos tradicionais e originários concluiu-se que esse tem sido o mais impactado em relação às mudanças dos cenários. É afetado quando migram do ecossistema de várzea para o de terra firme forçadamente devido às adversidades climáticas, entre outros fatores. Tem-se ainda a presença das igrejas evangélicas, cujas doutrinas são diferentes entre si (rituais, pratos, vestes e cosmovisão). Ademais, em alguns casos a realização de cultos barulhentos prejudica o descanso e a rotina local. Dessa forma, as ocorrências implicam em mudanças em seus *modus operandi, faciendi e vivendi*, submetendo-os a uma reconfiguração cultural.

Nesse contexto, a implementação do Luz para Todos, que colabora também para as mudanças nos cenários, é de longe o que mais tem contribuído para as mudanças no *habitus* dos comunitários porque possibilita a realização de aulas noturnas, a aquisição de aparelhos elétricos e eletrônicos (e.g. televisores, celulares, aparelhos de som) e o acesso à internet, permitindo o conhecimento de novas culturas e o entretenimento. Entretanto, muitas vezes a forma dessas intervenções é negativa porque proporcionam barulhos noturnos até altas horas, bebedeiras, uso de drogas ilícitas. Essas atividades



acabam atraindo pessoas estranhas à comunidade, que em alguns casos tem a circulação facilitada pela melhoria da malha viária, gerando insegurança, notadamente entre os mais velhos.

Todavia, conhecidos os problemas promovidos pelo Luz para Todos e pela melhoria das malhas viárias, muitos derivados da ausência do Estado (falta de políticas socioeconômicas e de segurança), é oportuno observar que houve muitas e grandes mudanças onde a energia mostrou-se fundamental para a melhoria da qualidade de vida dos povos tradicionais e originários, proporcionando melhorias na saúde, alimentação e aprendizado. Para mais, permitindo o entretenimento, a globalização, o empreendedorismo, o uso de máquinas e equipamentos possibilitando processar e conservar produtos para o autoconsumo e para a venda. Assim, com esses fatores consolidados é possível trabalhar com o excursionismo, como o Turismo de Base Comunitária (TBC) na região.

Por fim, faz-se a ressalva de que é necessário organizar, desenvolver e adequar a infraestrutura das comunidades de terra firme, para que suporte o fluxo migratório das populações ribeirinhas que fogem dos impactos desastrosos das cheias e secas extremas.



REFERÊNCIAS

- ABIKO, Alex Kenya. Introdução a gestão habitacional. Texto Técnico / Escola Politécnica da USP (EPUSP). Departamento de Engenharia de Construção Civil (Tt/Pcc/12). São Paulo – SP, Brasil. 27 p. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/372752846/Introducao-a-Gestao-Habitacional-Alex-Kenya-Abiko-1995>. Acesso em: 18/12/2025. 1995.
- ALVES, José Diego Gobbo; PEREIRA, Heloísa Corrêa; D'ANTONA, Álvaro de Oliveira. Territorialidades das igrejas evangélicas nas comunidades tradicionais da Amazônia Central. OpenEdition Journal Confins [Online], n. 63. 13 p. DOI: <https://doi.org/10.4000/11wvl>. 2024.
- AMAZON SAT (AS) - Grupo Rede Amazônica (GRAM). Artesanato da comunidade Nossa Senhora do Livramento em Silves – AM. Manaus – AM, Brasil. Vídeo (9 min 43 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fD_FE1Theik. Acesso: 25/02/2026. 2013.
- ARAÚJO, Amarildo Silva. Os ribeirinhos de São João do Araguaia, Pará, Brasil: a construção do território e a dimensão vivida às margens do rio Tocantins. Londrina – PR, Brasil. Geographia Opportuno Tempore, v. 9, 19 p. DOI: <https://doi.org/10.5433/got.2023.v9.48351>. 2023.
- ARAÚJO, Cláudio Márcio; OLIVEIRA, Maria Claudia Santos Lopes. Contribuições de Bourdieu ao tema do desenvolvimento adolescente em contexto institucional socioeducativo. São João del-Rei – MG, Brasil. Pesquisas e Práticas Psicossociais (PPP), 8(2). Disponível em: https://www.academia.edu/6982082/Contribui%C3%A7%C3%B5es_de_Bourdieu_ao_tema_do_desenvolvimento_adolescente_em_contexto_institucional_socioeducativo. Acesso: 15/01/2026. 2014.
- ARAÚJO, Maria Isabel. Ajuri: o saber tradicional dos agricultores familiares no contexto amazônico. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas (UFAM). 240 f. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/7458>. Acesso: 20/01/2026. 2019.
- ARAÚJO, Maria Isabel; SOUSA, Silas Garcia Aquino. Modus Vivendi - Comunidade Terranostra. In: Anais do 9º Congresso Florestal Brasileiro. SILVEIRA, J. L. (org.). Meio Ambiente: Sustentabilidade e Preservação. Formiga – MG, Brasil. Editora MultiAtual, Volume 1, p. 80 – 90. DOI: <https://doi.org/10.55592/CFB.2022.3040616>. 2023.
- ARAÚJO, Maria Isabel; SOUSA, Silas Garcia Aquino. Modus vivendi - comunidade Terranostra. In: Anais do 9º Congresso Florestal Brasileiro. Brasília – DF, Brasil. DOI: <https://doi.org/10.55592/CFB.2022.3040616>. 2022.
- ARAÚJO, Maria Isabel; SOUSA, Silas Garcia Aquino. Modus Vivendi - Comunidade Terranostra. In: Anais do 9º Congresso Florestal Brasileiro. SILVEIRA, J. L. (org.). Meio Ambiente: Sustentabilidade e Preservação. Formiga – MG, Brasil. Editora MultiAtual, Volume 1, p. 80-90. DOI: <https://doi.org/10.55592/CFB.2022.3040616>. 2023.
- ARENZ, Karl Heinz. Filhos e filhas do beiradão: a formação sócio-histórica dos ribeirinhos da Amazônia. Faculdades Integradas do Tapajós (FIT). Santarém – PA, Brasil. Gráfica e Editora Tiagão, 89 p. Disponível em: <https://orixi.wordpress.com/wp-content/uploads/2010/02/filhos-e-filhas-do-beiradao.pdf>, Acesso em: 20/01/2024. 2000.
- ARTAXO, Paulo. As três emergências que nossa sociedade enfrenta: saúde, biodiversidade e mudanças climáticas. Estudos Avançados, v. 34, (100). DOI: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.34100.005>. 2020.



BALSADI, Otavio Valentim. Mudanças no meio rural e desafios para o desenvolvimento sustentável. São Paulo em Perspectiva, 15(1). <https://doi.org/10.1590/S0102-88392001000100017>. 2001.

BERNARDES, Antonio. Milton Santos: os conceitos geográficos e suas concepções. Formação. Revista Formação (ONLINE), v. 27, n. 50, p. 275-299. DOI: <https://doi.org/10.33081/formacao.v27i50.6564>. 2020.

BESSA, Marcio Moacir. Agricultura, Agroecologia e Ecologia. Brazilian Journal of Science, 1(1), p. 33-44. DOI: <https://doi.org/10.14295/bjs.v1i1.8>. 2022.

CAÑETE, Thales Maximiliano Ravena. “Populações tradicionais”: origens, definições e usos dentro da antropologia brasileira. Vivência – PE, Brasil. Revista de Antropologia. n. 61, p. 325-358. DOI: <https://doi.org/10.21680/2238-6009.2023v1n61ID28044>. 2023.

CAÑETE, Thales Maximiliano Ravena; RAVENA-CAÑETE, Voyner. Populações Tradicionais Amazônicas: revisando conceitos. In: Anais do V Enc. Nac. Assoc. Nac. Pós-Grad. e Pesq. Amb. Sociedade, 2010. Florianópolis – SC, Brasil. Disponível em: <https://esmpa.overseebrasil.com.br/imagens/Image/JUIZADOS%20ESPECIAIS/Populacoes%20Tradicionais%20Amazonicas%20Revisando%20Conceitos.pdf>. Acesso: 20/01/2026. 2010.

CARPANEZZI, Leonardo; LEARDINI, Olivia; SILVA, Cheusley Gustavo Crezi; ZANARDI, Rogério. História e evolução da mecanização. Revista Científica Eletrônica de Agronomia, número 31 (Periódico Semestral). Disponível em: http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/pw03uDqmAOcir5d_2018-1-25-14-44-5.pdf. Acesso em: 20/12/2025. 2017.

CARRERO, Gabriel Cardoso; FEARNSSIDE, Philip Martin; VALLE, Denis Ribeiro; ALVES, Cristiano de Souza. Deforestation trajectories on a development frontier in the brazilian Amazon: 35 years of settlement colonization, policy and economic shifts, and land accumulation. Environmental Management, 66:966–984. <https://doi.org/10.1007/s00267-020-01354-w>. 2020.

CARVALHO, Jéssyca Ketterine; PANATTA, Andressa Alves Silva. A revolução biotecnológica e os reflexos da modernização agrícola. Ensaios e Ciência, v. 25, n. 5-esp, p. 682-687. DOI: <https://doi.org/10.17921/1415-6938.2021v25n5-esp682-687>. 2021.

CARVALHO, José Alberto Lima; CUNHA, Sandra Baptista. Terras caídas e consequências sociais na Costa do Miracauera, município de Itacoatiara-Amazonas, Brasil. In: XIII Encuentro de Geógrafos de América Latina (EGAL). Universidad de Costa Rica, Universidad Nacional, Costa Rica. Revista Geográfica de América Central, Número Especial, p. 1-16. Disponível em: <https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/2949/2819>. Acesso: 10/05/2026. 2011.

CENTRO NACIONAL DE MONITORAMENTO E ALERTAS DE DESASTRES NATURAIS (CEMADEN). Monitoramento de secas e impactos no Brasil. CEMADEN/MCTI. Boletim Mensal, ano 5, n. 76. Disponível em: <https://www.gov.br/cemaden/pt-br/assuntos/monitoramento/monitoramento-de-seca-para-o-brasil/monitoramento-de-secas-e-impactos-no-brasil-2013-agosto-2024>. Acesso em: 10/01/2025. 2024.

CHAVES, Genisson Paes; FURTADO, Lourdes Gonçalves. Entre rios, furos e igarapés: o ambiente aquático no imaginário social dos ribeirinhos de uma sociedade amazônica. Revista CCCSS (Contribuciones a las Ciencias Sociales). 10 p. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/cccss/2017/02/rios-furos-igarapes.html>. Acesso em: 20/12/2025. 2017.



CHAVES, Maria do Perpétuo Socorro Rodrigues; RIBEIRO, Luana da Silva; MELO, Ana Paula Palheta. 2023. Organização sociocultural dos Povos Tradicionais da Amazônia. *Revista ETHNE*, v. 2, n. 2, p. 6–20. Disponível em: <https://anais.unievangelica.edu.br/index.php/ethne/article/view/11025>. Acesso em: 20/12/2025. 2023.

CONTI, José Bueno. *Geografia e Paisagem. Ciência e Natura*, Ed. Especial, v. 36, p. 239–245. DOI: <https://doi.org/10.5902/2179460X13218>. 2014.

COSMO, Bruno Marcos Nunes; GALERIANI, Tatiani Mayara; NOVAKOSKI, Fabiula Patricia; RICINI, Bruna Martins. Carvão mineral. Laboratório de Matologia (LabMATO/UNESP). Jaboticabal – SP, Brasil. *Rev. Agronomia Brasileira*; vol. 4, 10 p. DOI: <https://doi.org/10.29372/rab202001>. 2020.

CRUZ, Diego Martins. *Geografia da religião, fé evangélica e espaço*. Fortaleza – CE, Brasil. *Geosaberes*, v. 9, n. 18, p. 1-17. <https://doi.org/10.26895/geosaberes.v9i18.646>. 2018.

CRUZ, Manuel de Jesus Masulo. Caboclos-ribeirinhos: camponeses na Amazônia. *Revista Geonorte*, v. 14, n. 46, p. 278-297. DOI: <https://doi.org/10.21170/geonorte.2023.V.14.N.46.278.297>. 2023.

DANTAS, Marcelo Eduardo; MAIA, Maria Adelaide Mansini. Compartimentação geomorfológica. Capítulo 3. *In*: MAIA, Maria Adelaide M.; MARMOS, José Luiz (org.). *Geodiversidade do estado do Amazonas*. CPRM – Serviço Geológico do Brasil. Manaus – AM, Brasil. CPRM, 275p. Disponível em: <https://rigeo.sgb.gov.br/bitstreams/4b6d186a-dde5-463e-bbeb-c194ba84f417/download>. Acesso: 10/05/2026. 2010.

DIAS, André. *Luz Para Todos: workshop energia da Amazônia*. Dep. Univ. e Pol. Sociais de Energia Elétrica / Sec. Nac. Energia Elétrica / Ministério de Minas e Energia (DUPS/SNEE/MME). Disponível em: https://www.gov.br/mme/pt-br/assuntos/secretarias/sntep/programa-energias-da-amazonia/sistemas-isolados/apresentacoes-segundo-dia-22-11-2024/3_universalizacao-do-acesso-em-sistemas-remotos-lpt.pdf. Acesso: 29/04/2025. 2024.

FERNANDES, Joyce Sampaio Neves; MOSER, Liliane. Comunidades tradicionais: a formação sócio-histórica na Amazônia e o (não) lugar das comunidades ribeirinhas. *Revista Katálysis*, v. 24, n. 3, p. 532-541. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2021.e79717>. 2021.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. *Cultura cabocla ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade*. São Paulo – SP, Brasil. Annablume, 1. ed., v. 1, 374 p. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Cultura_cabocla_ribeirinha/7pT43VRwPxec?hl=pt-BR&gbpv=1&pg=PA15&printsec=frontcover. Acesso em: 14/01/2025. 2004.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. *Homens anfíbios: etnografia de um campesinato das águas*. Fortaleza – CE, Brasil; Secretaria da Cultura e Desporto do Governo do Estado Ceará. São Paulo - SP, Brasil. Annablume, 192 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=msBn7tDttwUC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 19/01/2025. 2000.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto; WITKOSKI, Antônio Carlos; MIGUEZ, Samia Feitosa. O ser da Amazônia: identidade e invisibilidade. *São Paulo – SP, Brasil. Cienc. Cult.*, vol. 61, n. 3. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252009000300012. Acesso em: 19/01/2025. 2009.



FREIRE, Socorro de Maria Lopes; RIBEIRO, Neemias Santos; ZIGMANTA, Maria do Carmo. Introdução ao protestantismo no Brasil: Justiça e misericórdia. Faculdade Delta. Gestão & Tecnologia, ano XI, v. 2, ed. 35. Disponível em: <https://www.faculdedelta.edu.br/revistas3/index.php/gt/article/view/124>. Acesso: 10/01/2026. 2022.

FREITAS, Gilmar Fialho; OLIVEIRA, Marcelo Leles Romarco. Uma análise do programa Luz para todos do Governo Federal. Universidade Federal de Viçosa (UFV). Viçosa – MG, Brasil. Revista de Extensão e Estudos Rurais (REVER), v. 6, n. 2, p. 143–155. DOI: <https://doi.org/10.18540/rever622017143-155>. 2017.

FULLER, Anthony M.. From part-time farming to pluriactivity: a decade of change in rural Europe. Journal of Rural Studies, v. 6, n. 4. p. 361-373. DOI: [https://doi.org/10.1016/0743-0167\(90\)90049-E](https://doi.org/10.1016/0743-0167(90)90049-E). 1990.

GRUPO DE ECOLOGIA DE PAISAGEM E PLANEJAMENTO DA CONSERVAÇÃO (LEPLAN/Unifesp). Paisagem percepção: como vemos e interpretamos as paisagens ao nosso redor?. Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Diadema – SP, Brasil. LEPLAN/DCA/UNIFESP. Disponível em: <https://leplan.unifesp.br/in%C3%ADcio>. Acesso: 10/04/2026. 2026.

GUIMARÃES, Gizelly Caroline França. Programa Luz para Todos e modo de vida ribeirinho na Amazônia. Dissertação (Mestrado/Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia (PPGSS / UFAM). 153 f. Disponível em: https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/8697/12/Dissertacao_GizellyGuimaraes_PPGSS.pdf. Acesso em: 21/12/2025. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo 2010: Amostra – religião. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/pesquisa/23/22107>. Acesso: 10/01/2025. 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Religiões: resultados preliminares da amostra. Censo 2022. Coordenação Téc. do Censo Demográfico (CTD) – Ministério do Planejamento e Orçamento, Governo Federal. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_media/ibge/arquivos/3f1708b5d315aca50d5a7d8764469c45.pdf. Acesso: 14/01/2025. 2022.

INSTITUTO SOCIEDADE, POPULAÇÃO E NATUREZA (ISPN). Os povos da floresta. 2 p. ISPN Brasília – DF, Brasil. Disponível em: <https://ispn.org.br/biomas/amazonia/os-povos-da-floresta/>. Acesso: 20/03/2026. 2026.

INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE (IPCC). Sumário para Formuladores de Políticas. In: Mudança do Clima 2023: Relatório Síntese. Contribuição dos Grupos de Trabalho I, II e III para o Sexto Relatório de Avaliação do Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima [Equipe Principal de Redação, Hoesung Lee e José Romero (eds.)]. IPCC, Genebra, Suíça, p. 1-34. DOI: <https://doi.org/10.59327/IPCC/AR6-9789291691647.001>. 2023.

JESUS, Douglas Damasceno. Impactos da sazonalidade dos rios na Amazônia: desafios enfrentados em períodos extremos. In: Anais do Amazonas: o agrário, o político e o urbano na contemporaneidade. Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Manaus – AM, Brasil. DOI: <https://doi.org/10.29327/amazonas-o-agrario-o-politico-e-o-urbano-na-contemporaneidade-467757.903779>. 2024.



KAMIYAMA, Araci. Agricultura sustentável. Secretaria do Meio Ambiente (SMA) / Coordenadoria de Biodiversidade e Recursos Naturais. São Paulo – SP, Brasil. Cadernos de Educação Ambiental, n. 13, 76 p. Disponível em: <https://arquivo.ambiente.sp.gov.br/cea/2014/11/13-agricultura-sustentavel1.pdf>. Acesso em: 18/12/2025. 2011.

KUHN, Thomas. S.. The Structure of Scientific Revolutions (A estrutura das revoluções científicas/Thomas S. Kuhn; tradução Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira). Perspectiva, 12. ed. São Paulo – SP, Brasil. Disponível em: <https://ppec.ufms.br/files/2020/10/A-estrutura-das-revolu%C3%A7%C3%B5es-cient%C3%ADficas-Kuhn.pdf>. Acesso: 22 de jan. de 2024. 2013.

LEAL, Rubens Savaris; MELO, Deivid Junior; NASCIMENTO, José Carlos de Souza; SOUZA, Júnior de Carvalho; BOTTERI, Suleima Cristina; LOPES, Raimundo Valdemir et al.. Modos de vida dos povos tradicionais amazônicos: resiliência cultural, desafios socioeconômicos e caminhos inovadores para a sustentabilidade territorial. Journal of Business and Management (IOSR-JBM), v. 27, issue 9, Ser. 3, p. 45-56. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.17148279>. 2025.

LEMOS, Camila Gonçalves. Agrotóxicos no Brasil: riscos, importação e incentivos fiscais. Dissertação (Mestrado / PPG de Direito da PUC/PR). Curitiba – PR, Brasil. 127 f. Disponível em: <https://archivum.grupomarista.org.br/pergamumweb/vinculos/00006c/00006c66.pdf>. Acesso em: 18/12/2025. 2017.

LEVIN, Kelly; BOEHM, Sophie; CARTER, Rebecca. Impacto das mudanças climáticas: 6 descobertas do relatório do IPCC de 2022 sobre adaptação. WRI Brasil, Notícias. Disponível em: <https://www.wribrasil.org.br/noticias/impacto-das-mudancas-climaticas-6-descobertas-do-relatorio-do-ipcc-de-2022-sobre-adaptacao>. Acesso em: 20/07/2024. 2022.

LIMA, Maria do Socorro B.; MAY, Peter H.. A Expansão da Fronteira Agrícola no Sul do Amazonas e sua Relação com o Incremento do Desmatamento nas Áreas de Cerrados e Campos Naturais. In: VI Encontro da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica (ECOCCO). Brasília – DF, Brasil. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/t1d00143.pdf>. Acesso: 10/12/2024. 2005.

LIMA, Yana. Estiagem gera desabastecimento, inflação e desemprego na Amazônia, avaliam especialistas. Revista Cenarium Amazônia (digital). Disponível em: <https://revistacenarium.com.br/estiagem-gera-desabastecimento-inflacao-e-desemprego-na-amazonia-avaliam-especialistas/>. Acesso: 10/01/2026. 2023.

LIRA, Talita de Melo; CHAVES, Maria do Perpétuo Socorro Rodrigues. Comunidades ribeirinhas na Amazônia: organização sociocultural e política. Campo Grande – MS, Brasil. INTERAÇÕES, v. 17, n. 1, p. 66-76. DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/1518-70122016107>. 2016.

LISBINSKI, Fernanda Cigajski; MÜHL, Diego Durante; OLIVEIRA, Letícia; CORONEL, Daniel Arruda. Perspectivas e desafios da agricultura 4.0 para o setor agrícola. In: Anais do VIII Simpósio da Ciência do Agronegócio, Centro de Estudos e Pesquisas em Agronegócios da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEPAN/Agronegócios/UFRGS). Porto Alegre – RS, Brasil. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/218601>. Acesso em: 20/12/2025. 2020.

MARQUES, Rildo Oliveira. Erosão nas margens do rio Amazonas: o fenômeno das terras caídas e as implicações para a cidade de Parintins-AM. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas. Manaus – AM, Brasil. 175 f. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/5826>. Acesso: 10/01/2025. 2017.



MASSRUHÁ, Sílvia Maria Fonseca Silveira; LEITE, Maria Angélica de Andrade. 2018. Agro 4.0 – rumo à agricultura digital. In: MAGNONI JÚNIOR, Lourenço et al. (org.). JC na Escola Ciência, Tecnologia e Sociedade: mobilizar o conhecimento para alimentar o Brasil. São Paulo – SP, Brasil. Centro Paula Souza, [recurso eletrônico] 2. ed. 500 p. Disponível em: <https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/Mobilizar2ed/pdf/Mobilizar2ed-completa.pdf>. Acesso: 19/12/2025. 2017.

MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea. [Tradução de Cláudia F. Falluh Balduino Ferreira]. Brasília – DF, Brasil. NEAD. São Paulo – SP, Brasil. Editora UNESP, 568 p. Disponível em: <https://codeagro.agricultura.sp.gov.br/uploads/capacitacao/historia-das-agriculturas-no-mundo-mazoyer-e-roudart.pdf>. Acesso: 19/12/2025. 2010.

MIATO, Bruna; CATTO, André. Energia, alimentos e transporte: como a maior seca da história afeta a economia e o seu bolso. Portal de Notícias da Globo (G1). São Paulo – SP, Brasil. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2024/09/04/energia-alimentos-e-transporte-como-a-maior-seca-da-historia-afeta-a-economia-e-o-seu-bolso.ghtml>. Acesso: 23/01/2026. 2024.

MICHILES, Adriano Mota; ALVES, Edklycia Casanova Oliveira; OLIVEIRA, Ana Caroline Padilha; CUNHA, Nilson Silva. Plano tático: inundação 2025. Secretaria de Estado de Defesa Civil – Governo do Estado do Amazonas. 31 p. Manaus – AM, Brasil. Disponível em: <https://www.defesacivil.am.gov.br/wp-content/uploads/2025/04/ENCHENTE-2025.-Publicacao-Final.pdf>. Acesso: 17/01/2026. 2025.

MIGUEZ, Sâmia Feitosa; FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto; WITKOSKI, Antônio Carlos. Caracterização sociocultural das comunidades da área focal do PIATAM. Capítulo II. In: FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto; WITKOSKI, Antônio Carlos; PEREIRA, Henrique dos Santos (org.). Comunidades ribeirinhas amazônicas: memória, ethos e identidade. Manaus – AM, Brasil. Reggo Edições, p. 53-129. Disponível em: https://www.institutopiatam.org.br/wp-content/uploads/2021/03/livro_comunidades_ribeirinhas_amazonicas.pdf. Acesso em: 19/01/2025. 2011.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO (MCTI). Seca histórica na Amazônia 2023 foi 30 vezes mais provável devido à mudança do clima. Governo Federal. Brasília – DF, Brasil. Disponível em: <https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/noticias/2024/01/seca-historica-na-amazonia-2023-foi-30-vezes-mais-provavel-devido-a-mudanca-do-clima#:~:text=mudan%C3%A7a%20do%20clima-,Seca%20hist%C3%B3rica%20na%20Amaz%C3%B4nia%202023%20foi%2030%20vezes,devido%20%C3%A0%20mudan%C3%A7a%20do%20clima&text=A%20mudan%C3%A7a%20do%20clima%2C%20decorrente,do%20rio%20Amazonas%20em%202023>. Acesso em: 19/01/2025. 2024.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES (MCTIC). Plano de Ação em Ciência, Tecnologia e Inovação em Bioeconomia. Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE). Brasília – DF, Brasil. Disponível em: https://antigo.mctic.gov.br/mctic/export/sites/institucional/ciencia/SEPED/Arquivos/PlanosDeAcao/PACTI_BIOECONOMIA_web.pdf. Acesso: 15/05/2026. 2018.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE E MUDANÇA DO CLIMA (MMA). Biodiversidade. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/biodiversidade-e-biomas/biodiversidade1>. Acesso: 20/01/2026. 2026.



MOURA, Jaime Francisco. As diferenças entre igreja católica e igrejas evangélicas. Brasília – DF, Brasil. FUNDEC (COMDEUS), 9ª Edição, 172 p. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/religiao-as-diferencas-entre-igreja-catolica-e-igrejas-evangelicas-pdf-free.html>. Acesso: 20/02/2026.1999.

OLIVEIRA, Karla; SAUER, Sérgio. Povos e comunidades tradicionais: metodologias de autoidentificação e reconhecimento. [recurso eletrônico]. Brasília – DF, Brasil. Universidade de Brasília, Faculdade UnB Planaltina. 21 p. Disponível em: [https://terradedireitos.org.br/uploads/arquivos/Cartilha-Povos-e-Comunidades-Tradicionais_PT-\(2\).pdf](https://terradedireitos.org.br/uploads/arquivos/Cartilha-Povos-e-Comunidades-Tradicionais_PT-(2).pdf). Acesso em: 19/01/2025. 2021.

OLIVEIRA, Liliane Costa. Vida religiosa ribeirinha: um estudo sobre a igreja católica e evangélica no Amazonas. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Manaus – AM, Brasil. UFAM/Fiocruz/UFPA, 154 f. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/3359/1/liliane%20costa.pdf>. Acesso: 10/01/2026. 2012.

OLIVEIRA, Liliane Costa; PINTO, Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra. Os primeiros passos do protestantismo na Amazônia. Estudos de Religião, v. 31, n. 2, p. 101-125. DOI: <https://doi.org/10.15603/2176-1078/er.v31n2p101-126>. 2017.

PEREIRA, Bárbara Elisa; DIEGUES, Antonio Carlos. Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. Editora UFPR. Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 22, p. 37-50. DOI: <https://doi.org/10.5380/dma.v22i0.16054>. 2010.

Portal de Notícias da Globo (G1-AM). Seca severa no Amazonas já afeta mais de meio milhão de pessoas, aponta Defesa Civil. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2023/10/16/seca-severa-no-amazonas-ja-afeta-mais-de-meio-milhao-de-pessoas-aponta-defesa-civil.ghtml>. Acesso: 10/01/2024. 2023.

REARDON, Thomas; STAMOULIS, Kostas; PINGALI, Prabhu.. Rural nonfarm employment in developing countries in an era of globalization. Agricultural Economics, v. 37, issue s1, p. 173-183. <https://doi.org/10.1111/j.1574-0862.2007.00243.x>. 2007.

REIS JÚNIOR, Elival Martins. Avaliação do Programa “Luz Para Todos” no estado do Amazonas sob o aspecto de qualidade da continuidade de serviço de energia elétrica. Dissertação (PPG Eng. Rec. Amazônia da Fac. Tecnologia da Univ. Fed. do Amazonas (PPG-ENGRAM/FT/UFAM). Manaus – AM, Brasil. 130 p. Disponível em: <https://www.tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/4731/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Elival%20Reis%20Junior.pdf>. Acesso em: 29/04/2025. 2015.

RENTE NETO, Francisco; FURTADO, Lourdes Gonçalves. A ribeirividade amazônica: algumas reflexões. Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), Belém – PA, Brasil. São Paulo – SP, Brasil. Cadernos de Campo, n. 24, p. 158-182. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v24i24p158-182>. 2015.

ROQUE, Ricardo. A revolução científica: um olhar sociológico sobre a história da ciência. Manguinhos – RJ, Brasil. História, Ciências, Saúde, vol. 9, n. 3, p. 696-704. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/Z4TVRwR3krk4MgZqvHxpmSJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23/01/2024. 2002.



ROSA, Carlos Augusto de Proença. História da ciência: o pensamento científico e a ciência no século XIX. Ministério das Relações Exteriores. Brasília – DF, Brasil. Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), volume II - tomo II, 2ª ed. 378 p. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/34062062/historia-da-ciencia-volii-tomo-ii-o-pensamento-cientifico-funag/5>. Acesso em: 07/02/2026. 2012.

SANTOS, Antônio Paulo da Silva. Fim do sonho: 45 localidades do AM impedidas de ser município. Portal de notícias - Brasil Norte Comunicação (BNC) Amazonas. Brasília – DF, Brasil. Disponível em: <https://bncamazonas.com.br/poder/municipios/>. Acesso: 10/05/2026. 2026.

SANTOS, Daniele Ribeiro; BRAZ, Maria Rita Resende Martins da Costa. Religiões evangélicas: identidade, consumo e globalização. In: XIV Congresso de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro – RJ, Brasil. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) na Região Sudeste. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2009/resumos/R14-0174-1.pdf>. Acesso: 20/05/2022. 2009.

SANTOS, Jonas da Silva; SILVA, Marinete Geralda. A migração dos Mura ao longo do rio Urubu: desafios e estratégias em face das mudanças climáticas. In: Anais do Amazonas: o agrário, o político e o urbano na contemporaneidade. Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Even3, 13 p. DOI: <https://doi.org/10.29327/amazonas-o-agrario-o-politico-e-o-urbano-na-contemporaneidade-467757.898755>. 2024.

SEABRA, Luiz Pedro da Silva. A concepção de Thomas Kuhn acerca das Revoluções Científicas. Revista Filogênese. Universidade Estadual Paulista (UNESP). Rev. Elet. Pesq. Grad. Filos., Vol. 9. P. 145-156. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/12_luizseabra.pdf. Acesso: 21/01/2024. 2016.

SECRETARIA DE ESTADO DE INFRAESTRUTURA (SEINFRA). Ramais pavimentados pelo Governo do Amazonas se destacam pelo alto padrão de qualidade. Gov. Estado do Amazonas. Manaus – AM, Brasil. 11 p. Disponível em: <https://www.seinfra.am.gov.br/ramais-pavimentados-pelo-governo-do-amazonas-se-destacam-pelo-alto-padrao-de-qualidade/>. Acesso em: 25/10/2024. 2023.

SETTEN, Gunhild. Habitus. In: Kobayashi, Audrey (ed.). International Encyclopedia of Human Geography, 2nd edition, v. 6, p. 287–290. <https://dx.doi.org/10.1016/B978-0-08-102295-5.10188-X>. 2020.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. Faculdade de Educação – Universidad de Costa Rica – Universidade de São Paulo. Rev. Bras. Educ. (20). <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000200005>. 2002.

SILVA, Atila Barros. História das primeiras igrejas evangélicas nas montanhas de Nova Friburgo, Rio de Janeiro: uma análise histórica e sociocultural. Ciências Humanas. Rio de Janeiro – RJ, Brasil. Revista Tópicos. 60 p. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10689848>. 2024.

SILVA, Paula dos Santos; RABELO, Francisco Davy Braz; VENTORINI, Silvia Elena; TEIXEIRA, Ana Luísa. As terras caídas e os impactos na vida dos ribeirinhos da comunidade são Luiz do Macari, Tefé – AM. Revista Geonorte, V.14, N.45, p.95-112. DOI: <https://doi.org/10.21170/geonorte.2023.V.14.N.45.95.112>. 2023.



SILVA, Zilmar Lima. “Verão e inverno amazônico”: perspectiva meteorológica e a percepção dos moradores do município de Manaus/AM. Dissertação (Mestrado/Geografia) - Universidade Federal do Amazonas. Manaus – AM, Brasil. 145 f. Disponível em: https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/8747/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o_ZilmarSilva_PPGEOG.pdf. Acesso: 10/03 2026. 2022.

TEIXEIRA, Isabelle Ferreira. A estiagem no estado do Amazonas e o agravamento da vulnerabilidade social. 22 f. Monografia (Especialização em Estado, Trabalho e Políticas Públicas) – Universidade Federal do Amazonas. Parintins – AM, Brasil. Disponível em: https://riu.ufam.edu.br/bitstream/prefix/8569/2/TCC_ESP_IsabelleTeixeira.pdf. Acesso: 10/01/2025. 2024.

VALE, Roseilson Souza; LIMA, Luana dos Santos; MONTE, Christiane do Nascimento; SANTANA, Raoni Aquino Silva. Evidências do fenômeno de terras caídas com grandes cheias na região Oeste do Pará. Curitiba – PR, Brasil. Braz. J. of Develop., v. 5, n. 6, p. 6295-6302. DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv5n6-136>. 2019.

